

ADOLESCENTE, FAMÍLIA E ESCOLA

MARIA CRISTINA SOUSA FARIA*

"Domingo, 13 de Fevereiro de 1944

Querida Kitty:

De ontem para hoje muita coisa se tem modificado em mim. Ontem estava cheia de saudades e ainda estou, mas... já não é a mesma coisa. Hoje de manhã notei - e digo-o com toda a franqueza - notei com satisfação que o Peter não tirava de mim os olhos. Não sei dizer nem escrever como. Sempre pensei que o Peter gostava mas era da Margot, e agora senti que não é nada disso. Durante todo o dia olhei muito para ele, pois sempre que o encarava ele estava a olhar também. Invadia-me então uma sensação maravilhosa. Bem sei que isso não está certo, que não deve repetir-se muitas vezes. Queria tanto estar só! O pai já percebeu que estou diferente, mas não lhe posso contar tudo! "Deixem-me em paz", gostava de lhes gritar a todos. Mas, quem sabe, talvez ainda venha um dia em que estarei mais só do que é meu desejo.

Tua Anne'

(DIÁRIO DE ANNE FRANK)

Num momento, tudo passa a ser diferente de ontem, tão próximo e tão distante, para só o presente ter sentido. O hoje torna-se deveras importante, pela sua constante surpresa. Para o adolescente não existem certezas, à excepção de uma: sem saber como nem porquê, encontra-se

em permanente mudança que ocorre perante si próprio e diante dos que o rodeiam. A percepção que tem de si e dos outros, ou vice-versa, pode ser agradável ou assustadora; e daí esta etapa de vida ser vivenciada dum modo tranquilo ou turbulento.

A família, como grupo privilegiado das primeiras comunicações e múltiplas aprendizagens, torna-se muito importante para facilitar o desenvolvimento adequado do jovem na busca duma autonomia saudável. Por outro lado, é do tipo de ligação que esta estabelece com a escola, segundo local privilegiado, que o jovem pode inserir-se adequadamente na sociedade e cultura a que pertence e com a qual se referencia mesmo quando a rejeita.

Não interessa que o jovem se sinta só na caminhada da sua vida; é pois, necessário que a família, a escola, a sociedade, ...lhe dêem confiança e o ajudem na conquista dum "lugar ao sol". Mas, tal só é possível se houver respeito pelo tempo ou espaço, que o adolescente necessita para se encontrar e dialogar consigo próprio numa auto-descoberta.

O tema adolescência remete, todo aquele que reflecte sobre ele, automaticamente para o adolescente que houve ou que ainda há em si. Mas, só é possível compreender os jovens nesta etapa de vida quando se tem presente o adolescente que se foi.

Não há dúvida, que, em menos dum século, muito se tem escrito sobre a adolescência. É um tema vasto que embora

* Docente da ESE de Beja

ainda adolescente não deixa de nos fazer sentir a incerteza e insegurança da vivência do sentimento, de que se trata dum tema em construção, em desenvolvimento, dado que cada adolescente dum época é, sem dúvida, um mundo novo que nos surpreende e fascina.

O adolescente, a sua família e a escola que frequenta remetem-nos para um processo de triangulação; três mundos, três identidades, três sistemas em interacção, em comunicação. Se comunicarem, não há dúvida que se podem alegrar, não só eles, como toda a comunidade, sociedade da qual pertencem e têm função activa.

Mas, que acontece quando o jovem não encontra ou constrói a sua identidade? Ou quando existe na família um medo de separação? Ou quando o(a) professor(a) ainda não ultrapassou a sua etapa da adolescência ou ainda não atingiu a maturidade de "ser adulto"?

Mais do que "curar", interessa prevenir. É pois na prevenção que devemos apostar se quisermos ajudar: o adolescente, na conquista da sua identidade, autonomia; a família, no ultrapassar dessa "crise"; e a escola, mais concretamente todos os que se encontram nesse espaço, a darem o seu contributo dum modo saudável, construtivo e produtivo.

O objectivo deste trabalho vai no sentido de tentar salientar a importância que a família e a escola têm no desenvolvimento de cada adolescente e como podem participar activa e adequadamente na conquista da identidade de cada jovem, para a construção dum Personalidade viva e criativa.

ADOLESCÊNCIA

A adolescência nasceu durante o século XIX com a revolução industrial quando o controle da família sobre os adolescentes se prolonga até à idade do casamento. Philipp Ariès (1973) considera que a Europa pré-industrial não distingue a in-

fância da adolescência. No século XVIII não se considerava essa categoria etária que demorará muito tempo a formar-se.

No final do século XIX as pessoas começam a interrogar-se seriamente sobre o que pensa a juventude; e o termo juventude é substituído por adolescência que se transforma num tema literário dominante e numa preocupação de moralistas e de políticos. A adolescência surgia como algo que encerrava novos valores, susceptíveis de vivificar uma sociedade envelhecida e pouco favorável a mudanças (Stanley Hall, 1904).

A consciência de ser jovem, o sentimento de pertencer a um grupo com preocupações e aspirações comuns, ocorre na Europa no fim da 1ª Guerra Mundial, quando os combatentes da frente se opõem em massa às velhas gerações de retaguarda. Assistir-se-á progressivamente à clivagem das gerações prolongando a adolescência até à década situada entre os dez e os vinte anos. Assim, de uma época sem adolescência passa-se para a época da adolescência; e esta passa a ser a idade favorita, isto é, aquela idade que se deseja ardentemente que chegue e dure o maior tempo possível, a fantasia de ser crescido e eternamente jovem numa atmosfera livre e aventureira.

A corrente de pesquisas inaugurada por Ariès vai suscitar o aparecimento de uma série de trabalhos que tentaram abordar a emergência e a origem da família moderna (Shorter, 1977) ou o aparecimento da adolescência contemporânea (Katz, 1975). Ao datarem com maior precisão o nascimento da família moderna (centro privilegiado da vida privada, da intimidade e do afecto - durante a segunda metade do século XIX) tais trabalhos confirmam a ideia de Ariès. A industrialização verá aparecer o adolescente durante mais tempo na família até ao casamento - cria-se então o fenómeno adolescente contemporâneo.

Poder-se-á concluir que o nascimento da família contemporânea coincide com o aparecimento da adolescência. Entre a puberdade e o casamento instala-se agora um longo período que o indivíduo vai viver sob a tutela dos pais. Assim, o aumento do

controle dos pais sobre os adolescentes e a diminuição da independência dos jovens são as mudanças mais marcantes que a industrialização vai realizar na família (Elder 1980).

Da preocupação em assegurar a linhagem e fazer frutificar os bens legados por herança, a "família moderna" (século XIX) fechar-se-á cada vez mais na vida privada para se concentrar nas tarefas educativas: assegurar a promoção social dos filhos e garantir a persistência do seu sistema de valores (Shorter, 1977)

O modelo referido anteriormente é aquele que predomina nos dias de hoje. Mas, o tamanho do núcleo familiar tende a reduzir-se pela limitação voluntária dos nascimentos; a instabilidade dos casais e a fragmentação da família levam a que o projecto que motiva o compromisso na vida de casal, ou a decisão de ter filhos se torne muito frágeis. A família aparece ameaçada e daí a perda de controle sobre os adolescentes e pais.

No entanto, trabalhos realizados sobre a adolescência contemporânea revelaram que a conformidade aos valores parentais prevalece amplamente sobre os aspectos de confrontação e que a maioria dos adolescentes de hoje adopta os valores tradicionais da sua comunidade familiar.

Modell e col. (1976) comparavam vários acontecimentos que asseguram a transição do estatuto de adolescente para o estatuto de adulto, no fim do século XIX e 1970:

- a adolescência desenrola-se mais tardiamente;
- deixar a família de origem;
- 1890 - casar-se
- constituir condições de habitação autónoma;
- a sua preparação ocupa um grande espaço de vida
- a passagem à idade adulta é uma troca de estatuto
- a família de origem toma parte no processo (dificuldades financeiras e estabelecimento dum novo lar)

- 1970 - a ruptura dos elos de dependência familiar realiza-se mais cedo e com maior facilidade;
- o abandono dos estudos e o acesso ao emprego situam-se mais tardiamente;
- as regras desta passagem escapam à família, pois são ditadas por imperativos sociais;
- as exigências de escolaridade impostas pela qualificação profissional e as flutuações do mercado de emprego.

Actualmente a passagem da adolescência ao estado adulto é essencialmente regida por um programa social que escapa à família.

O prolongamento do estado pré-marital, que foge ao controle familiar, explica a tolerância cada vez maior dos pais perante os jovens casais que abandonam a família para coabitarem sem estar casados, enquanto que, anteriormente, tais situações geravam graves problemas familiares

DO ADOLESCENTE AO JOVEM ADULTO

Será a adolescência determinada pela cultura? Não terão todas as culturas de enfrentar as perturbações naturais deste período, mesmo que se lhes não dê expressão institucional?

Como explicar o temor e horror da puberdade das raparigas dos índios Carrier da Columbia Britânica, que é visto como o "enterramento de vida"? Ou o aspecto sagrado e de grande benção sobrenatural dos Apaches perante a fileira de solenes rapariguinhas? Ou a indiferença dos habitantes das ilhas de Samoa em que a puberdade passa como um período particularmente apagado e calmo durante o qual não se manifestam quaisquer conflitos de adolescente e em que nenhuma manifestação social reconhece expressamente a sua puberdade, nem mudança de atitude, nem

expectativa? Porque é que nos Cárrier e Apaches, os ritos não são extensíveis aos rapazes, e a puberdade destes é celebrada com simples testes e provas de virilidade?

Na nossa cultura várias imagens estão presentes: "a do rapaz de face coberta de acne, desconjuntado e pouco à vontade, nos seus fatos demasiado curtos; a de outro, de expressão fechada e obstinada perante a reprimenda paterna; aquele ser magro de blue-jeans, com cabelos encaracolados, será rapariga ou rapaz? E esta adolescente sem graça, de corpo pesado e feições grosseiras será a engraçada miúda que conhecíamos? Ali a rapariga com os seus gestos bruscos, que se meneia e desata a rir ao olhar para a amiga, a sofisticada, em equilíbrio nos seus saltos altos e de sorriso ao canto dos lábios demasiado pintados. Acolá o "duro" no seu blusão de couro, o intelectual que tudo decide com aprumo e suficiência, o tímido, o sonhador." (B. Reymond-Rivier, 1977) Todas estas faces mostram as transformações que se realizam neste período de desenvolvimento.

A diversidade de situações e a multiplicidade de conceitos sobre a adolescência leva a colocar a questão: o que é a adolescência? De um modo geral, será o período que se estende entre a infância e a idade adulta e que se inaugura com a puberdade e termina com a juventude; mas até hoje, não existe um critério único que marque o termo adolescência.

A ambiguidade do próprio conceito reflecte a atitude da sociedade em relação aos jovens, e tem graves repercussões sobre estes. No entanto, tendo em conta que a adolescência não é puberdade, não se pode esquecer o crescimento puberal, que revoluciona todo o organismo e põe em actividade uma revolução psicológica num contexto bio-psico-socio-cultural.

Se o adulto quer dizer "perda da infância", o jovem debate-se com duas forças "Já não é criança, mas ainda não é adulto! Já é adulto, mas ainda é criança!"

Será o jovem que assim se considera ou são os "outros" (pais, educadores, sociedade) que deste modo o percepcio-

nam? Ou será tudo uma questão de tempo? É que "Eu jovem tenho mais futuro do que passado, enquanto os "outros", mais passado do que presente!"

Dum modo geral todos os autores estão de acordo que a adolescência se caracteriza por uma modificação fundamental da representação de si e que a identidade pessoal (conjunto de crenças, de sentimentos e projectos que se referem ao indivíduo) sobre uma evolução importante entre a infância e o começo da idade adulta.

O termo identidade é utilizado e definido de diversas maneiras. No campo da psicanálise é um conceito relativamente novo. Não figura no índice de Fenichel, que tem pouco mais de trinta anos, nem no vocabulário de Laplanche e Pontalis (1966). Freud apenas o utilizou uma vez, já no fim da sua obra. No conceito de Margaret Mahler (1968) designa o processo ou o resultado do processo acontecido na infância, no fim da fase de separação-individação, em que se organiza uma representação estável do próprio "self".

Erik Erickson (1959) considera que só no fim da adolescência se completa a identidade ou o sentimento de identidade. Este conceito remete para várias noções, nomeadamente:

- noção de permanência e continuidade (dos objectos e sujeitos apesar das suas modificações);
- noção de unidade e coesão (circunscrever as coisas na medida em que as delimita, umas em relação às outras).

O autor salienta a importância de uma continuidade temporal, de um "Eu" que contem um passado que lhe pertence e que através de escolhas significativas, se compromete num futuro. Consequentemente, ao definir-se em termos de auto-similaridade rejeita toda a experiência de divisão, difusão ou parcelamento. Neste sentido, a identidade do eu apela para a reunião de elementos dos quais "eu me reconheço", diferenciando-me daqueles "que

não se parecem nada comigo", pois são diferentes daquilo que eu sou ou creio ser, na minha unidade funcional.

Nesta perspectiva, a construção da identidade é uma tarefa que nunca acaba; pois, a unidade do "eu" é bom que jamais esteja ao abrigo das deslocções ou regressões nos acontecimentos que a podem vir a abalar: os lutos, as roturas e os fracassos. Interessa encontrar um sentimento óptimo de identidade que deverá ser vivido duma forma agradável, isto é, um "sentimento de se sentir em casa dentro do seu próprio corpo... de "se saber para onde se vai" e a segurança interior de um reconhecimento antecipado por parte daqueles que contam." (E. Erikson, 1972)

A identidade ou sentimento de identidade comporta em si vários processos complexos que conduzem simultaneamente:

- à formação da consciência de si (self);
- à formação da consciência de si sexualmente definido;
- à formação da capacidade de estabelecer relações objectais estáveis e de se estruturar na relação com os outros.

Tais processos encontram-se interligados. O indivíduo, percebido como único, distanciado dos laços familiares, define-se sexualmente e a partir deste momento ele organiza-se nas interacções que estabelece com os outros, num certo mundo em função de escolhas profissionais, estilo de vida ou outros valores reconhecidos no estatuto social em que está inserido.

O próprio "Eu" estabelece consigo uma continuidade vinculativa entre o seu passado, presente e futuro, que se inscreve no registo da sociedade envolvente e da cultura que a caracteriza. Assim, o sentimento de identidade adquire-se de forma evolutiva e progressiva no desenvolvimento psíquico e sexual; isto é, resulta da ins-

talação de três tipos de vínculos (Jaime Milheiro, 1988):

- **vínculo de integração espacial:** as partes do "self" dispersas são integradas nas várias instâncias do aparelho psíquico, para uma diferenciação entre o "self" e o "não-self" (Eu e Outro);
- **vínculo de integração temporal:** as diversas representações do "self", ao longo do tempo (intemporal no inconsciente), sofrem um processo de integração e coesão de forma a estabelecer uma continuidade entre si;
- **vínculo de integração social:** a identidade social organiza-se na rede de relações que se estabelecem entre o "self" e os objectos, mediante mecanismos de identificação, projecção e identificação projectiva ou introjectiva.

Os dois primeiros vínculos são de capital importância para a construção de uma identidade única, por isso, podem ser designados por vínculo da identidade pessoal; mas, é devido ao terceiro, que é possível estabelecer um vínculo de relação interpessoal no sentido de dentro para fora e de fora para dentro, possibilitando úteis modificações do "self".

Uma das frases mais típicas de cada geração: "No meu tempo não era nada assim!" mostra a constante incompreensão, por parte dos adultos, pelo processo de desenvolvimento do jovem na busca da sua identidade. É que o crescimento do jovem obriga que o outro cresça com ele. Assim, a "rebeldia da juventude" pode ser vista como um sinal de alarme contra uma mãe continente potencialmente rígida (mãe ou sociedade), e de certo modo, contem, de uma forma latente ou manifesta, um pedido de ajuda, que é bom não menosprezar. Existe uma saudável tendência reparadora nessa rebeldia pois, de certo modo, ela é a expressão real e concreta da necessidade de destruir o velho e o doente,

para construir o novo e o melhor de uma maneira mais justa.

Quando os aspectos anteriores não são considerados, tal situação proporciona o aparecimento dum vínculo desajustado e ocorre a ruptura que supõe a perturbação de identidade. Neste sentido, o pedido de ajuda implícito e tantas vezes camuflado, coloca a tónica no valor dos afectos e na verificação de que a sua presença ou ausência, tanto no passado infantil e no presente do adolescente, ou até mesmo na ideia de futuro, que começa a ser perspectivada, é o motor fundamental dos vínculos referidos.

Mais do que qualquer outra etapa de vida, a adolescência é uma árdua caminhada vivenciada dum modo muito pessoal, em função dum tempo e dum espaço, com a meta de encontrar o adulto. Na perspectiva de alguns autores (Blos, 1967; Dias, 1980; Pepitone, 1980) há vários marcos que de certo modo facilitam a compreensão e a formulação de uma resposta adequada face ao pedido de ajuda:

- **pré-adolescência:** fim da lactência, que se caracteriza pela resolução da fixação à mãe fálica, pré-edípiana, através dum processo de identificação com esta;
- **adolescência prococe:** declínio das tendências bissexuais e a fusão dos instintos parciais (orais, anais, e fálicos) sobre o primado da genitalidade;
- **adolescência:** ocorre o desinvestimento dos pais interiorizados de modo a permitir a escolha do objecto heterossexual;
- **adolescência tardia:** elaboração de uma identidade do "Eu" através de tarefas dessexualizadas, do amor e da sublimação;
- **pós-adolescência:** "terminus" do crescimento da personalidade, no momento em que se dá o implemento de relações permanentes fora da

família de origem, como o casamento e a paternidade.

O adolescente desenvolve um estilo de vida cada vez mais autónomo e individual, à medida que se sente cada vez mais ele próprio, conhece os seus limites e as suas possibilidades. A partir do momento em que se sente com a capacidade para estabelecer uma relação e formar uma nova família (casar e ter filhos) consegue chegar ao fim de uma longa caminhada (ser adulto) e dá início a uma nova (vida de adulto).

A FAMÍLIA DO ADOLESCENTE

Saliente-se o papel que, em primeiro lugar a família, em segundo a escola, desempenham numa forma activa e determinante, para que o adolescente possa responder numa forma saudável às questões que todos um dia levantámos:

- Quem sou eu?
- Que ando aqui a fazer?

de modo a que a resposta não seja:

- Não sei quem sou.
- Não sei o que ando aqui a fazer.

É o exagero que mata. A preocupação em demasia ou a indiferença total por parte dos pais, nunca se mostrou benéfica em tempo algum: "Os seres humanos, tal como as árvores, crescem desde que os deixem crescer, não é preciso puxar. Basta proporcionar terreno adequado e retirar as ervas daninhas que os circundam." (Mlleiro, 1988)

Na crise da adolescência (no bom sentido da palavra crise) as identificações edípicas não podem desempenhar o seu papel no contexto da genitalidade por causa do tabu do incesto, obrigando o jovem a liquidar, a eliminar as figuras significativas desse plano em que se tinha organizado durante a infância; conseqüentemente, a família vai ser sujeita a múltiplas alte-

rações e como tal vai também entrar em crise.

O jovem, na procura necessária da continuidade de si próprio, tenta investir em novas figuras e daí surgem os heróis, os ídolos, pais novos idealizados e melhores, diferentes dos da infância; embora sejam comuns no inconsciente, o que numa perspectiva psicanalítica, pressupõe um novo e enorme recalçamento, tal como o realizado no conflito edipiano.

Os amigos, os grupos, as ligações apaixonadas e passageiras, passam a ser os suportes da realidade externa e por isso são activamente investidos e procurados, daí serem denominados "Egos" auxiliares. O jovem vive numa atmosfera de instabilidade e vão ser estes elementos que vão contribuir para a reestruturação e formação de equilíbrios. Os "Egos" auxiliares são também importantes na consolidação da identidade sexual, no que diz respeito ao auxílio sempre disponível e à importância do seu julgamento, tão livremente aceite pelo adolescente.

Por vezes, o suporte da identificação que os pais podem fornecer é ainda indispensável e parece continuar a ser decisivo num futuro próximo.

Para certos autores o índice de normalidade do adolescente estaria no grau de adaptação do adolescente à família e à sociedade, desprezando a importância da indução e influência por parte dos grupos familiar e/ou social, de certas formas de comportamento patológico, bem como a aceitação parcial da doença de que todo o paciente identificado é portador.

A questão do aparecimento de sintomas na adolescência consiste em distinguir o que representa uma mutação e o que corresponde a organizações mais profundas, susceptíveis de evoluir na puberdade (Dias Cordelro, 1979). Interessa pois, compreender a linha de força dominante no desenvolvimento de cada adolescente e o que esconde por trás de sintomas como a inibição, um carácter difícil ou perda de contacto com a realidade.

Através da observação simultânea das características e capacidades do ambiente que rodeia o jovem (observação da

qualidade das trocas afectivas e da comunicação familiar, do interesse e tolerância pelo sofrimento e desenvolvimento do adolescente; dos recursos económicos) torna-se possível realizar uma apreciação de como o normal e o patológico se podem processar.

Nesta perspectiva, é na rede das relações entre a estrutura do "Eu" e as suas possibilidades de identificação, as vivências passadas e a crise da puberdade durante a qual a realidade familiar é confrontada com os conflitos passados, é que a evolução normal ou patológica do adolescente pode ser avaliada. A noção de compulsividade é determinante para a definição de perturbação psíquica, onde nos deparamos com estruturas efectivamente descompensadas. Segundo A. Dias (1979) os problemas da adolescência podem ser vistos "sob o duplo prisma do prolongamento da adolescência e da exaltação das necessidades".

Muitos adolescentes tendem a prolongar indefinidamente os seus estudos como forma de evitar uma separação que se lhes afigura dolorosa como são também frequentes aqueles que os recusam a estudar e aceitam qualquer emprego para escapar à dependência parental, num esforço, que muitas vezes, é ainda uma pseudo-separação.

A sociedade, ao exigir um prolongamento da escolaridade (não só pela especialização cada vez maior das profissões como pela diminuição significativa de postos de trabalho), dificulta a criação das condições mínimas à socialização adulta, e deste modo, à pós-edipificação, isto é, à possibilidade de fazer uma nova triangulação distante do romance familiar, já que para a sua concretização contribui não apenas a organização interna das imagos parentais mas, também a existência de condições para a sua evolução.

Vários autores têm realçado as dificuldades de aquisição da identidade e abordagem deficiente do processo de separação em comportamentos adolescentes patológicos, como por exemplo, a toxicomania (perturbações do narcisismo, masoquismo, crise de identidade), a delin-

quência, a anorexia mental e o suicídio (Cordeiro, 1979; Dias, 1980; Dias, Vicente, 1984; Burke e al., 1978; Stanton, 1978; Weidman, 1983).

A. Dias(1980) define medo de separação como "o processo de interdependência entre os diferentes membros da família, em que o sentimento de complitude e identidade (falsa, embora) só é possível pela manutenção "hic et nunqua" da mesma estrutura familiar." A adolescência é uma fase efectiva cujo fim último é a aquisição da identidade no seio da família. Mas, nem sempre isso acontece, como é o caso da família do toxicómano, onde há um medo de separação.

Anna Freud diz que é muito difícil assinalar o limite entre o normal e o patológico, e considera que toda a comoção deste período de vida como normal, assinalando também que seria anormal a presença de um equilíbrio estável durante o processo adolescente.

Aberastury (1986) refere que a adolescência configura uma entidade semipatológica, que chamou de "síndrome normal da adolescência". Esta síndrome é perturbada e perturbadora para o mundo adulto, mas necessária para o adolescente que

neste processo vai estabelecer a sua identidade; sendo este o objectivo fundamental deste momento de vida. Assim, o adolescente realiza três lutos fundamentais:

- luto pelo corpo infantil;
- luto pelo papel e a identidade infantis;
- luto pelos pais da infância.

Nesta perspectiva os lutos são considerados verdadeiras perdas de personalidade que são acompanhadas por todo um complexo psicodinâmico do luto normal e em ocasiões especiais adquirem as características de luto patológico.

No segundo luto, o jovem renuncia à dependência e aceitação da responsabilidade muitas vezes desconhecida. No terceiro, a situação complica-se pela própria atitude dos pais, que também têm de aceitar o seu envelhecimento e o facto dos seus filhos já não serem crianças mas, adultos ou em vias de o ser. Refira-se ainda o luto pela bissexualidade infantil também perdida.

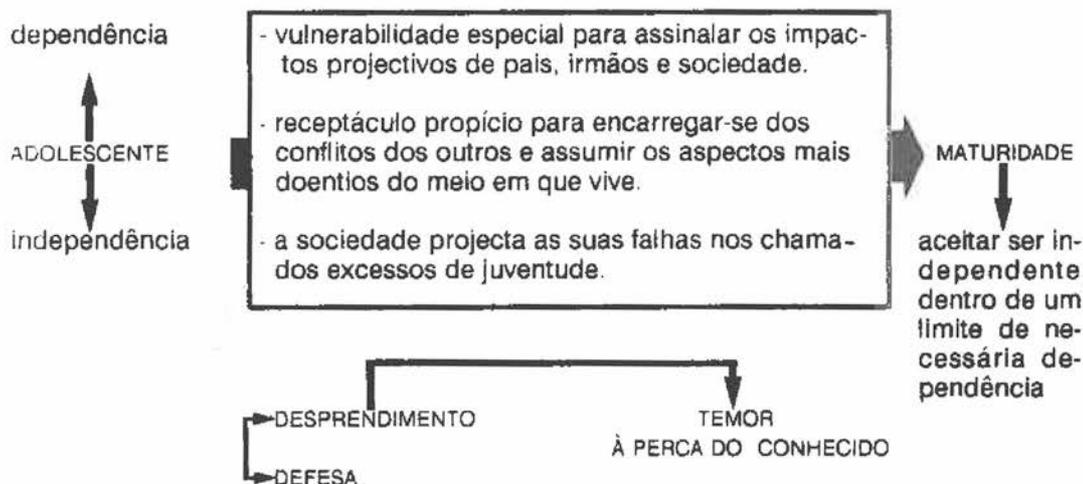


Fig. 1 o adolescente em busca de maturidade

Como se pode ver na figura, um ser adolescente não é tão simples como parece. Vários mecanismos são accionados e tornam urgentes múltiplas modificações, nem sempre bem aceites. Considerem-se as seguintes situações tantas vezes problemáticas e de difícil resolução:

- o adolescente provoca uma verdadeira revolução no meio familiar e social, o que cria um problema de gerações nem sempre bem resolvido;
- os pais vivem os lutos pelos filhos, precisam de fazer o luto pelo corpo do filho pequeno, pela sua identidade de crianças e pela sua relação de dependência infantil;
- os pais são julgados pelos filhos, e a rebeldia ou o enfrentar a situação são mais dolorosos se o adulto tem consciências os seus problemas frente ao adolescente.
- os pais têm de se desprender do filho-criança e evoluir para uma relação com o filho adulto, o que impõe muitas renúncias da sua parte:
 - a) aceitação do envelhecimento e da morte;
 - b) aceitação da imagem idealizada do filho;
 - c) aceitação de uma relação de ambivalências e de críticas;
 - d) enfrentar as suas capacidades e avaliar as suas conquistas e fracassos.

No momento em que o pai e a mãe se identificarem com a força criativa do(a) filho(a), estarão aptos a compreendê-lo e de certa forma recuperam dentro de si a sua própria adolescência; o que lhes vai permitir ajudar adequadamente o adolescente no seu processo de conquista de autonomia.

Segundo Ana Paula Reivas (1989) os sub-sistemas parental e filial são como que testados uma vez que "o jovem se vai autonomizando, tornando-se independente de

uma forma cada vez mais clara, no sentido de se poder tornar pai de si próprio, enquanto os pais vão sucessivamente perdendo o seu poder parental; tendo que, simultaneamente reaprender a estar um com o outro muito mais como casal do que como pais."

A família pode ser vista como um sistema, isto é, como um conjunto de pessoas vivendo geralmente debaixo do mesmo tecto, entre as quais existem de modo repetitivo interacções circulares. Assim, os comportamentos de um membro afectam todos os outros, e conseqüentemente a família no seu conjunto.

Este sistema evolui por meio de um processo dialéctico e permanente de equilíbrios, crises e reequilíbrios (movimentos homeostáticos e de mudança) e nele participam todos os elementos.

Quais os elementos que compõem uma família? Desde o momento que duas pessoas se juntam para constituir uma família (família nuclear) o número de elementos que a compõem vai sofrer múltiplas modificações das quais podemos distinguir várias fases que constituem o ciclo vital da família (P. Gonçalves, 19):

- nascimento da família;
- aparecimento dos filhos;
- adolescência dos filhos;
- partida dos filhos;
- morte ou partida de um dos pais;
- morte da família nuclear.

A finalidade deste grupo deverá ser o de assegurar, a todos os elementos, a satisfação das necessidades materiais e afectivas no sentido de permitir que cada um desenvolva ao máximo, as suas potencialidades únicas e pessoais. Por vezes pode acontecer uma rigidificação morfofostática (perder a elasticidade de se adaptar às mudanças), o que dificultará toda a modificação individual ou grupal, nomeadamente a evolução, crescimento e autonomização dos seus membros mais jovens.

A autonomia parece ser construída no contexto da redefinição progressiva e de transformação das relações de vinculação (processo de individuação); e tal

conquista será tanto mais feliz quanto a família estiver preparada e disponível para a receber. O facto de existir conflito pode ser um bom sinal para a solidificação da maturidade familiar: "Parents and adolescents in conflict: all families some of the time some most of the time." (Montemayor, 1979)

Durante cerca de uma década, todos os elementos da família devem criar novos tipos de relação que os levem a encontrar novos centros de interesse, novas formas de comportamento e modos de sentir; o estudo das relações familiares começa agora a sair do período de lactência e a entrar na sua própria adolescência (Steinberg, 1987); a definição do tipo de comunicação entre a vinculação e autonomia nas relações adolescente-pais é, pois, de máximo interesse.

A SEPARAÇÃO ADOLESCENTE-PAIS

No momento, em que o jovem toma a iniciativa de começar a tarefa de progressivamente tentar separar-se dos pais, para começar a investir a sua "energia relacional", com outras pessoas significativas fora da família, dá assim curso a um processo decisivo e estruturante do normal desenvolvimento psicológico; "As gratificações e limitações da dependência infantil e as vantagens e perdas inerentes à separação, são os dois pólos entre os quais o adolescente se debate." (Pepitone, 1980), pelo que tal iniciativa nem sempre é realizada num clima de tranquilidade.

A qualidade da comunicação e da relação familiar contribuem grandemente para a qualidade deste processo de crescimento, sem dúvida inevitável mas, de certo modo vivenciado numa maneira dolorosa:

- ansiedade dramática;
- sentimento de lealdade e culpa pelos laços afectivos familiares;
- ressentimentos mútuos;

- procura de novos comportamentos ajustáveis à situação;
- confusão entre o sentimento de perda e de ganho;
- força para assumir uma atitude nova.

O potencial estruturante da separação só tem sentido para resolução do drama que tantas vezes encerra. É que os laços que unem os filhos aos pais não se perdem mas, apenas evoluem para formas diferentes.

A separação não deve ser percebida como uma ruptura, mas como uma mudança de relação, em que também os pais entram em crise e se separam dos filhos; isto é, deve ser vista numa perspectiva de dinâmica interactiva e transaccional, com todas as modificações que isso implica na relação adolescente (pais; relação pai-mãe).

Este problema pode ser colocado segundo várias perspectivas:

- perspectiva intrapsíquica (Blos, 1967; Furman, 1973; Pepitone, 1980; Furman, 1973);
- perspectiva psicossocial (Sullivan; Erickson, 1972);
- perspectiva interactiva e intergeracional.

Numa perspectiva freudiana a separação foi vista como um trabalho doloroso, mas determinante para o saudável desenvolvimento do homem ou mulher, e sua integração na sociedade do seu - em que o conflito geracional se torna responsável para o progresso da sociedade. Desde muito cedo, que ocorrem processos de separação, nomeadamente o luto dos primeiros objectos de amor (seio materno) com conseqüente reobjectualização através da escolha de um objecto heterossexual extra-familiar.

Blos (1967) considera que a separação ocorrida durante esta etapa de vida não é mais do que segundo processo de separação-indivuação, pelo que chama

à adolescência um segundo nascimento. As interacções, reais ou fantasiadas, do adolescente com os pais são essenciais para o sucesso da separação-indivuação adolescente; pois, nesta altura procurando a todo o custo afirmar-se sozinho, o "Eu" encontra-se mais vulnerável devido ao afastamento do suporte do "Eu" parental.

Erna Furman (1973) não está de acordo com o autor anterior, quanto ao facto da adolescência ser percebida como um segundo nascimento embora, considere que em muitos aspectos o comportamento do adolescente é idêntico ao da criança. Ellis (1979) é ainda mais radical, uma vez que é da opinião que a adolescência é um estágio único de desenvolvimento.

Erickson (1972) põe a tónica na aquisição da identidade pessoal, a partir da qual se conquista a autonomia do adolescente. Saliencia a importância que a intimidade (própria do adulto) tem para a escolha do grupo de pares como suporte do "Eu" adolescente (pois, já não tem o suporte parental), sendo a separação marcada em definitivo quando ele ama fora do grupo familiar. Sullivan considera a aquisição da capacidade da intimidade como alicerce de todas as relações de amor futuro.

Nicholson e Antill (1981) preocuparam-se com o "adolescente socialmente perdido" (Hemming), quando não se consegue adaptar ou integrar num grupo, advindo daqui problemas pessoais e sociais.

Numa perspectiva interactiva e intergeracional os modelos sistémicos e transaccionais ocupam lugar de destaque; a tónica é colocada no mútuo processo de separação que pais e adolescente realizam -ilustrado pelas suas múltiplas e ricas interacções.

A separação é "um processo extremamente complexo, requerendo a sua realização que os objectivos das fases anteriores tenham sido atingidos" (Boszormeyi-Nagy e Framo), "as forças familiares variadas e complexas podem obstaculizar a separação de um membro mesmo numa família normal" (Flemming, 1983); a crise da adolescência é essencialmente dirigida a

toda a família e não apenas a um só elemento (Klein, Erlich, 1978).

Os terapeutas da família (via analítica) consideram que a separação envolve toda a família, não apenas na presente geração, mas também na passada, pois os pais vivem a separação não apenas em relação aos filhos mas, em relação aos próprios pais; isto é, trata-se dum processo dum cadeia geracional de ligações e perdas (daí três conceitos fundamentais: identificação projectiva, parentificação e lealdade).

Stierlin (1972) realça o papel activo e dinâmico dos pais, chamando a atenção para a importância e influência das percepções acerca da capacidade de separação dos filhos. Define-a como "uma espiral em expansão gradual de mútua diferenciação e individuação, ocorrendo em níveis emocionais, cognitivos e morais. "; fazendo apelo a duas noções fundamentais: dimensão transitiva (moldagem do jovem e influência paterna), e dimensão transaccional (influência que a criança e jovem exercem nos pais). As formas de transacção interpessoal existem em toda a família funcional, mas de uma forma ligeira e com carácter evolutivo: um certo encadeamento afectivo e moral é necessário no início da adolescência e uma expulsão saudável é condição necessária para a definitiva entrada na idade adulta.

Os processos de separação adolescente que ocorrem no contexto familiar, devem conduzir à independência do indivíduo, garantindo-lhe necessidades, sentimentos e pensamentos próprios, com consequente existência de "selvas" bem delimitados (a verdade é que existem famílias com formas específicas de patologia de separação: encadeamento, delegação e expulsão).

Muitos pais não permitem a comunicação com o exterior aos seus filhos, não os deixando encontrar satisfações ou seguranças fundamentais fora da família (encadeamento). Outros encarregam o adolescente dum missão especial no exterior - extensão do "self" parental (delegação); ou eliminam os filhos do seio familiar dum forma física ou emocional (expulsão).

Assim, é na adolescência que o inter-jogo das percepções e expectativas entre pais e filhos entra numa fase crucial. Menos dependentes dos pais, com modelos alternativos de identificação, os adolescentes põem em causa a situação de poder dos pais relativamente "a quem", na família "necessita de quem" e "quem influencia quem". Três áreas fundamentais operam na aquisição duma capacidade de separação por parte do adolescente em relação às percepções e expectativas parentais (Stierlin, Levi, e Savard, 1971):

- relativas ao jovem como potencialmente autónomo;
- respeitantes à sua capacidade de desenvolver relações de objecto fora do círculo familiar;
- relacionadas com a lealdade do jovem aos pais.

As percepções e expectativas tornam-se determinantes, para o estabelecimento duma confiança segura, por parte dos pais, na capacidade do seu filho(a) crescer e se autonomizar, facilitando desse modo a separação.

Pepitone (1980) até conceptualizou o processo de separação adolescente em três fases distintas consideradas dum ponto de vista psicossocial, interactivo e cognitivo:

- 1ª fase-fase de grande dependência em relação aos pais;
- 2ª fase-adolescência propriamente dita;
- 3ª fase-adolescência tardia.

Inicialmente o jovem vê no grupo um suporte solitário das suas iniciativas de autonomização, mas o envolvimento parental é ainda solicitado.

Depois, pais e amigos são percebidos como um grupo de amigos em função do modo como se comportam; a lealdade ao grupo começa a aparecer. Por

fim, os pais são desinvestidos como elementos nutrientes e autoritários para passarem a ser vistos dum modo diferente, onde seja possível uma relação de igual para igual.

Muitas mudanças estão em jogo e nem todas são fáceis de realizar; mas há, sem dúvida, uma perca dupla, quer filial, quer parental (Bloom, 1980) em que os pais deixam para trás uma parte da sua identidade parental, e os filhos perdem uma relação infantil agora transformada numa relação de adulto-adulto. A força para construir novos objectivos e afirmar uma nova integridade pessoal, podem ser bons indícios para realizar uma separação saudável.

A CONTINUIDADE ESCOLA FAMÍLIA

A Escola é o espaço e o tempo de uma educação intensiva. A situação de aula por excelência, ou qualquer outra situação (pátio da escola, sala de professores, refeitório, secretaria, conselho directivo), são um espaço relacional científico, repleto de situações de experiência e aprendizagem. A distinção entre a escola e a vida é de quantidade, quando se propõe intensificar uma certa atitude dinâmica, essencial na educação.

Como é que a escola pode participar no processo de separação e autonomia do jovem adolescente? Há muita energia em jogo tantas vezes desperdiçada, e múltiplas comunicações descuidadas.

Gregoire Evéquoz (1986) procurou, através de uma análise sistémica da família-escola, propôr um quadro teórico. O jovem que frequentemente é trazido ao psicólogo exprime através dos seus comportamentos as comunicações disfuncionais entre a escola e a família. Torna-se necessário encontrar o quadro fecundo da teoria geral dos sistemas, bem como os conceitos que promovam a modelagem de um modo mais preciso da estrutura e do funcionamento das mudanças inter-sistémicas.

cas. É importante definir que o recurso ao psicólogo ou a qualquer outro especialista (pediatra, enfermeiro escolar) não deverá ser uma caminhada isolada ou fortuita, mas que se deve inserir nos processos interaccionais.

O modelo proposto por Evcoz tem por fim atender à continuidade escola-família como um sistema interdependente onde se torna possível avistar em termos circulares a posição dos diferentes actores (professores, pais, alunos, contínuos, director, inspector) e as suas influências recíprocas.

Dois níveis distintos tomam particular importância neste processo: o código e as estratégias. O primeiro considera o conjunto de regras com características fixas, invariáveis e sem valor moral de bem ou mal; tendo como função assegurar a coesão e a estabilidade dos elementos em interacção (Bateson chama de meta-contexto e Hall de cultura); salientando os seguintes aspectos:

- leis escritas que vão definir as finalidades gerais da escola, sua organização e mitos;
- influência de todos os níveis hierárquicos da escola (macro-sistema) e gestão das relações com o exterior (família, comunidade);
- influência dos processos de comunicação que se desenrolam no interior da escola entre as pessoas implicadas.

Assim, se a família deve ajudar a escola na sua tarefa pedagógica e esta deve completar a acção educativa dos pais; o trabalho do psicólogo não tem a função de mudar o código, mas de introduzir regras novas e perceber como é que elas actuam na mudança das comunicações que ocorrem no contexto escolar.

As estratégias representam as escolhas utilizadas para os indivíduos se adaptarem às regras, em função de toda uma série de variáveis, contingências e conflitos

exteriores. A sua principal característica é a de serem particulares, em cada situação de interacção, e de apresentarem um nível de complexidade superior ao do código (equifinalidade em que cada intervenção toma uma forma diferente).

O psicólogo trabalha no contexto escolar, e as estratégias representam, dum modo geral, a estrutura relacional existente entre os pais-professores, e as escolhas utilizadas por cada estrutura no quadro do código.

As interacções entre a escola-família são conceptualizadas como um jogo regido por regras; no quadro da escola os protagonistas têm conflitos, mas são livres de escolher as suas estratégias. Assim, pretende-se que o psicólogo deverá ser criativo e responsável para permitir novos registos de comunicação.

Donald A. Haanson (1986) estudou as articulações entre a família-escola no sentido da descontinuidade dos efeitos escolares nos papéis de interacção do jovem entre as experiências familiares e da turma; foram identificadas duas formas fundamentais de papéis:

- mudanças de papéis na interacção (comportamento dado em função da idade sexo e diferenças de estatuto);
- papéis comuns na interacção (comportamento desejado e apropriado, baseado em afinidades e atitudes interpessoais)

A experiência (com sujeitos do 8º ano vindos dos subúrbios de Nova Zelândia) sugere que as suas famílias tendem a agruparem-se em três grupos:

- coesiva (forte em ambos os tipos de relações);
- coersiva (forte na mudança mas, relativamente fraca nas regras comuns)
- "laissez-faire" (relativamente fraca em ambas)

Os resultados obtidos apontam no sentido de que quanto maior for a descontinuidade da interacção dos papéis entre a casa e a escola, maior será o declínio dos graus académicos dos jovens. Por outro lado, consoante a família a que se pertence, o aluno pode estar relativamente em vantagem numa classe ou em desvantagem noutra.

Evéquoz (1989) chama a atenção para a importância da escola na aquisição da autonomia juvenil, propondo uma metodologia específica de intervenção que não esquece a promoção da co-evolução dos dois sistemas distintos família-escola. Esta última pode participar activamente na resolução de dilemas situacionais possibilitando a aprendizagem de comportamentos alternativos e adequados; surge com uma função suplementar no sentido de valorizar a individualidade de cada aluno, pondo a tónica na comunicação de mensagens (verbais ou não verbais) que podem promover a dependência ou independência do jovem.

A escola aparece com um estilo novo de actuação, com um papel diferente; pretende-se que ela tenha uma função compensatória pois parece ser o local ideal para ajudar o jovem a construir a sua personalidade possibilitando-lhe a experiência e desenvolvimento das suas capacidades, compensando ou preenchendo as lacunas duma educação familiar particular.

Ser adolescente obriga a ver-se ao espelho e a aceitar o desafio da auto-descoberta. Num jogo de percas e ganhos, defesas e riscos, esperanças e desesperos, o jovem procura, através de uma dialéctica do positivo e do negativo, encontrar a sua interioridade. Para além de tentar responder a "quem sou eu?", o adolescente procura conquistar a sua autonomia: "super-homem é então, muitas vezes, a defesa maníaca do adolescente perante a sua dependência afectiva e sócio-económica, é a denegação da realidade dos laços afectivos, é a solidão erigida grandeza, a fraqueza tornada força." (Dias, 1979)

A família toma sem dúvida um papel muito importante, quer na realização de lu-

tos das imagos parentais, quer na consequente transformação dessas imagos, e em especial a sua redefinição, em relação aos objectos investidos e desinvestidos. Trata-se dum processo de mudança interactiva; é que o jovem modifica-se, modificando o que o rodeia. Tudo passa a ser diferente, e os pais não podem ignorar o processo de diferenciação/transformação a que estão sujeitos. O sub-sistema parental e filial ocupam lugar central no palco das múltiplas interacções e é constantemente posto à prova. O jovem vai-se individualizando num processo contínuo de auto-conhecimento promovendo a mudança e actualização do mundo que o rodeia.

O adolescente estabelece a ponte entre a família e a escola, por isso é de todo o interesse que os elementos dos dois contextos a utilizem num processo de múltiplas interacções que promovam o desenvolvimento saudável do adolescente no encontro consigo próprio. Num ambiente de cooperação família-escola a maturidade afectiva, intelectual e relacional do jovem surge do movimento da co-evolução dos dois sistemas distintos. O jovem criativo construirá sem dificuldade maior a sua Identidade/Personalidade, chegando muito enriquecido à meta do ser adulto.

BIBLIOGRAFIA

ABERASTURY, Arminda, e col.; *Adolescência*, Editora Artes Médicas, Porto Alegre, 1980.

ABERASTURY, A., KNOBEL, M., *Adolescência Normal*, Editora Artes Médicas, Porto Alegre, 1986.

CORDEIRO, J.C. Dias; *O Adolescente e a Família, abordagem educativa e psicoterapêutica na perspectiva familiar*, Moraes ed. Lisboa, 1979.

DIAS, C.A.; "Tom Sawyer contra Super Homem", in *Jornal da Educação* nº 24, 1979.

DIAS, C.A.; "A Relação com o Adolescente: Prolemómenos e Preliminares", in *Psiquiatria Clínica* 1 (1), 1980.

DIAS, C.A.; "A Problemática do Aborrecimento no Adolescente", in *Psiquiatria Clínica*, 2(3), 1981.

DIAS, C.A.; "A propósito da identificação", in *Jornal de Psicologia*, 4, 2, 1985.

DIAS, C.A.; **VICENTE, T.N.;** *A Depressão no Adolescente*, Ed. Afrontamento, Porto, 1984.

ERICKSON, E.H.; *Identidade Juventude e Crises*, Ciências da Educação, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1972.

EVÉQUOZ, G.; "Análise systémique des interactions école-famille: proposition d'un cadre théorique", *Psychologie écolaire*, nº 57, 1986.

EVÉQUOZ, G.; "Dimension systémique de l'échec scolaire et méthodologie d'intervention"; *Les Sciences de l'Éducation*, 1, 1989.

FONTAINE, A.M.; "Práticas Educativas Familiares e Motivação para a Realização dos Adolescentes", *Cadernos de Consulta Psicológica*, nº 4, 1988.

FLEMMIG, M.; "A separação Adolescente-Progenitores" in *Análise Psicológica*, nº 4, 1983.

GONÇALVES, P.; "Introdução ao Estudo da Família numa Perspectiva Sistémica"; *O Médico*

HANSEN, D.A.; "Family-school articulations: the effects of interaction rule mis-

match", *American Educational Research Journal*, vol.23 nº 4, 1986.

MINUCHIN, S.; *Famílias Funcionamento e Tratamento*, Editora Artes Médicas, Porto Alegre, 1980.

MUSGROVE, F.; *Família, Educação e Sociedade*, Biblioteca da Educação

RELVAS, A. P.; "Família e Adolescência"; Conferência apresentada no Seminário adolescência organizada pelo NUS: AF e Psicologia Clínica, Coimbra, 1989.

SOARES, I.; **CAMPOS, B. P.;** "Vinculação e Autonomia na Relação do Adolescente com os pais"; *Cadernos de Psicologia*, nº 4, 1988.

BENEDICT, RUTH, *Padrões de Cultura*, Edições do Brasil, Lisboa.

BLOS, PETER; *Adolescência*, Martins Fontes, 1985.

CLAES, MICHEL; *Os Problemas da Adolescência*, Verbo, Lisboa/S.Paulo, 1985.

RIVIER, B. REYMOND; *O desenvolvimento social da criança e do adolescente*, Editorial Aster, Lisboa, 1977.

RELVAS, ANA PAULA; "A família: Introdução ao seu estudo numa perspectiva sistémica", *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 16, 1982.

colabora com

LER
educação

ARMAZÊNS da CIDADE

REIS PINTO & MARREIROS, LDA.



Tem ao seu dispor uma vasta
coleção de PRONTO A VESTIR
para HOMEM, SENHORA e CRIANÇA
ARMAZENS DA CIDADE, onde a
moda NÃO custa mais.

VISITE-NOS!



23869

PORTAS DE MÉRTOLA, 30-32
7800 BEJA



ELECTRODOMÉSTICOS
TV-VIDEO-AUDIO
VIDEO CLUBE
ASSISTÊNCIA TÉCNICA

RUA DE MÉRTOLA, 69 - 7 800 BEJA - PORTUGAL
tel. 22045